

escolher uma empresa privada para gestão, como já acontece na Barra”.

O superintendente do Iphan na Bahia, Bruno Tavares, não atendeu ao pedido de entrevista da **Muito**. Por meio da assessoria de comunicação, limitou-se a dizer que “não há novidades” sobre o caso e sugeriu que a reportagem entrasse em contato com a prefeitura. O órgão também não autorizou a visita à fortificação para produção de imagens do local.

Curiosamente, o Iphan está promovendo a candidatura de 19 fortificações brasileiras a Patrimônio Mundial. Salvador é a cidade que abriga o maior número delas, cinco no total, entre as quais está o Forte São Marcelo.

CARREIRA TURÍSTICA

Quase quatrocento, o forte, edificado em 1623 com a nobre missão de resguardar Salvador – e de onde a cidade foi por vezes bombardeada –, já foi prisão de revoltosos e teve uma breve carreira turística e cultural. Entre 2006 e 2011, o lugar esteve aberto a visita, por iniciativa da Associação Brasileira dos

2006
a **2011**

foi o período em que o Forte São Marcelo, a 300 metros da costa de Salvador, ficou aberto à visitação pública

Amigos das Fortificações Militares e Sítios Históricos (Abraf). A noite de inauguração teve festa com presença de personalidades, como Maria Bethânia.

No local passaram a funcionar os museus Memórias do Mar, Memórias da Cidade e Memórias do Forte, além de restaurante e loja de lembranças. O visitante pagava R\$ 10 pela entrada e traslado num barquinho que não levava mais de cinco minutos para chegar. A prefeitura, o governo do estado e empresas privadas, como a LG e Lojas Insinuante, apoiaram o projeto, que promoveu atividades educativas, como aulas vivas. Dos cerca de 400 mil visitantes que o forte recebeu neste período, um terço foi estudantes.

Em 2011, o contrato de cessão entre a Abraf e o Iphan expirou e não foi renovado, por discordâncias entre as contas apresentadas pela organização social e pela necessidade da obra de restauro, já que havia um “encapsulamento da coroa” onde o forte está assentado, como declarou à época Carlos Amorim, então superintendente do Iphan-BA. Apesar da determinação judicial para desocupar o forte, tombado desde 1938, a associação recusou-se a deixar o monumento, tal qual os holandeses que o ocuparam no período colonial. A confusão foi parar nas páginas dos jornais, mas a resistência não durou muito tempo.

A ordem de serviço para as obras de restauração só seria assinada três anos depois, em 2014, com a garantia de Amorim de que o Iphan voltaria logo a “trabalhar com a imagem do forte, uma joia da arquitetura colonial portuguesa”. E aí chegamos ao ponto da história que você já conhece. A joia ficou alguns milhões mais cara, mas até agora só pode ser vista de longe. «

BR PETROBRAS APRESENTA

companhia de dança
DEBORAH COLKER

CÃO SEM PLU MÃS

10 e 11 mar
Teatro Castro Alves



Bilheteria do TCA e SACs (shoppings Barra e Bela Vista) • www.ingressorapido.com e Info. 3003.0595

